

Quanto Vale um Bom Conselho

Les Paul



DÊSSE QUE OS homens estavam cavando naquele dia não tinha nenhum atrativo para mim, mas eu fitava em muda admiração um operário de cabeça branca que, durante o intervalo para o almoço tocava uma velha gaita Cursava eu então a quarta série e pensei: “Se eu pudesse tocar música assim!”

De repente o trabalhador me ofereceu a gaita.

—Vamos, meu filho, experimente.

—Eu não sei tocar—respondei.

O velho olhou-me por instante.

—Ora, meu filho, é só você passar

esta gaita pela bôca e logo saberá manejá-la.

E acrescentou 11 palavras que encerravam o mais sábio conselho que já recebi na vida:

—Não diga que não pode enquanto não provar que não pode.

Lembrei-me dêsse conselho quando meu professor de piano me pediu que entregasse à minha mãe um bilhete humilhante que dizia: “O seu filho nunca aprenderá música. Não o espero mais para as aulas.”

Eu não estava disposto a desistir. Afinal de contas, não havia provado a mim mesmo que era incapaz de aprender música. Resolvi provar que era capaz.

Naquele ano aprendi sozinho a tocar violão observando um vizinho enquanto êle executava, acomodando os sons às posições dos dedos nas seis cordas, depois tentando repro-

LES PAUL e sua esposa, Mary Ford, imprimiram novo rumo à música em disco com sua original técnica ao violão e seus arranjos vocais. Hoje em dia seus discos são populares no mundo inteiro. Foram criados clubes de fãs de Les Paul e Mary Ford na Eüropa, no Canadá, Japão e até em Ghana.

duzir o que tinha visto. O processo foi longo, mas eu havia encontrado o instrumento musical que era capaz de dominar.

Quando tinha 20 anos, formei um trio com o meu próprio violão de *jazz* como instrumento dominante e parti para Nova York, centro da música popular de sucesso. Mas descobri que os chefes de orquestra recebiam friamente os desconhecidos e eram demasiado ocupados para ouvi-los. Um dia, esperando com meu trio no corredor de um edifício de escritórios da Broadway, avistei Fred Waring, regente de famosa orquestra, que se dirigia para o elevador. Decidi dar uma audição ali mesmo e naquele momento. Um dos componentes do nosso trio ficou apavorado.

—Você não vai conseguir que Fred Waring o escute aqui num corredor.

—Vamos provar que não podemos—disse eu, tirando da caixa o meu violão.

Por felicidade o elevador demorou a chegar. Quando afinal o espantado Waring entrou na cabina do elevador, já tinha ouvido e contratado o trio Les Paul.

Durante os anos que se seguiram trabalhei noite após noite fazendo experiências com o violão em busca de algum método que tornasse verdadeiramente característico êste instrumento. Por fim descobri um meio de fazer um violão soar como uma orquestra inteira de violões. Toquei e gravei separadamente cada uma

das partes de uma canção—ritmo, melodia, harmonia, fundo, depois reuni tôdas as gravações em um único disco, processo atualmente conhecido como “múltiplos”.

O primeiro disco foi um sucesso imediato. A Capitol me deu um contrato, e eu viajei para casa em visita à minha família e para um merecido descanso.

Ao regressar dessa visita, o meu automóvel derrapou na estrada, e eu fiquei estendido na neve durante oito horas até ser achado e levado de ambulância para um hospital. O melancólico inventário da minha papeleta de hospital relacionava fratura de vértebras, ombros, nariz, braço direito (em três lugares), costelas, bacia e pernas. Uma manhã os médicos entraram em silencioso desfile no meu quarto. Seria difícil restaurar o meu braço direito esmagado. Começou-se a discutir a amputação.

Reinou silêncio no quarto obscuro enquanto eu assimilava o sentido completo daquilo. A amputação significaria o fim da minha carreira e tudo aquilo pelo qual lutara. Deitado naquela cama, pareceu-me que eu era atirado para trás num recuo do tempo . . . para junto de um velho cabouqueiro que tocava uma gaita amassada e cujo conselho fôra o ponto de partida do triunfo, pequeno ou grande, que eu obtivera. Pude ver a cara encarquilhada do velho, ouvir suas palavras.

—Sabe duma coisa?—disse eu ao médico que estava mais próximo da minha cama.—Não falemos em não

poder salvar o braço enquanto não provarmos que não o poderemos fazer. De acôrdo?

Sucederam-se as operações em que o enxêrto de osso extraído da minha perna era aplicado ao meu braço, e finalmente foi afastada a ameaça de amputação. Meu cotovêlo espatifado foi reconstituído com uma chapa de metal. Êle iria ficar permanentemente rígido, mas à pedido meu foi fixado na posição correta para tocar violão.

Eu devia esperar ainda um ano e meio para verificar se poderia ou não tocar de novo. Mas baseando-me no princípio de que não havia *provado* que não podia, pus-me a orquestrar arranjos na minha mente, analisando, experimentando. O interior da minha cabeça tornou-se um disco *long-playing* particular, que armazenava música para o dia em que me fôsse possível pegar no violão e tocá-lo de fato.

Por fim chegou a hora de tirar o último aparelho de gêsso. Desajeitadamente a princípio, dei início à reeducação do meu braço direito. Foi necessária uma grande fôrça de vontade para formar um novo trio e recommear as excursões artísticas—mas essa, eu bem sabia, era a única prova segura. Durante um ano vivemos de cidade em cidade, de espetáculo em espetáculo, num trabalho esfalfante. Mas o sacrifício, apesar de ingente, compensou. Eu podia tocar como antes do acidente.

Daí a pouco estava gravando discos novamente, desta vez combinando os sons do violão com a voz de minha mulher, Mary Ford. A partir dessa época muitas pessoas de tôdas as partes do mundo têm apreciado os nossos discos o suficiente para adquirirem mais de 17 milhões dêles. E tem surgido um enorme interêsse pelo violão. Jovens de tôda a parte estudam êsse instrumento animadamente.

Há pouco soube que um músico meu colega, um pianista gravemente machucado num acidente semelhante ao meu, estava querendo abandonar a carreira, na certeza de que nunca mais poderia tocar. Bombardeei o homem com cartas, insistindo com êle para que voltasse à música. “Não posso”, era a sua resposta.

—Você *provou* que não pode?— insistia eu.

A insistência deu resultado. O pianista voltou à música, e do seu desânimo conseguiu ressurgir para um brilhante futuro.

Numa ocasião ou em outra, a vida põe diante de todos nós um muro de pedra—uma tarefa que parece impossível ou um problema que se nos afigura insolúvel. Quando isso acontecer a você não diga que não pode enquanto não *provar* que não pode!

Graças ao conselho do velho cabouqueiro, descobri que os muros de pedra, em sua maioria, cairão por terra se os empurrarmos com bastante fôrça.

